

Deligny e a escrita refratária

Thalita Melo

Professora do Centro Universitário Tiradentes (UNIT)

Thalita: Bom dia, gente! Primeiro, queria dizer que você [Noelle] foi super sensata, não sei se o pessoal entendeu, mas para mim foi a fala mais clara sobre Deligny dos últimos tempos [risos], em relação ao modo como ele trabalha. Bom, gente, eu sou Thalita, meu contato com Deligny atualmente vem pela tradução. E eu costumo dizer, brincando, que eu sou uma livre pesquisadora, eu não estou vinculada a nenhum projeto específico, a nenhum programa e eu estou cartografando dentro da minha perambulação, não é? E aí é que surge esse contato costumeiro. Mas o meu foco tem sido, de fato, a preocupação com a tradução, e eu vou falar um pouco sobre essa experiência e sobre algumas movimentações que são interessantes no modo de ler e perceber Deligny.

O primeiro problema que tive quando comecei a ler Deligny é que eu tive contato com a obra em espanhol, com a obra que foi traduzida para o espanhol¹, e dizia outra coisa, diferente da [edição] francesa. Primeiro porque já é muito difícil ler Deligny – não sei se alguém aqui já teve a oportunidade, mas a gente que está na academia é acostumado com o desenvolvimento dos raciocínios, dos conceitos, e Deligny tem uma escrita muito fragmentária; por isso é que eu coloquei “a escrita refratária” como título desta fala, porque ele tem repetições – enfim, eu vou falar um pouco sobre isso.

Mas com relação à tradução, me deparei com esse texto em espanhol que, quando fui fazer a primeira tradução, a primeira versão para “O Diário do Educador” – que saiu agora na *Mnemosine*² –, eu passei pelo espanhol e aí fiz a primeira tradução muito ruim, não é? – meu deus, que tradução horrível! Fui então comparar com o francês³ e vi que ela estava pior do que eu podia imaginar, porque o francês dizia outra coisa em relação à [tradução] espanhola. E é daí que vai surgir um maior aprofundamento...

Assim como em português, a tradução em espanhol também se depara com as dificuldades ligadas aos conceitos que são primordiais para Deligny. Eles tentam

¹ DELIGNY, Fernand. *Diario de un educador* (1966). In: TOLEDO, Sandra Alvarez (org. e trad.). Fernand Deligny: permitir, trazar, ver. Barcelona: Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2009. pp. 34-41.

² DELIGNY, Fernand. “Diário de um educador (1966)”. trad. Thalita Carla de Lima Melo. *Mnemosine*, v. 11, n. 1, Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ, 2015a. pp. 309-319

³ DELIGNY, Fernand. *Journal d'un éducateur* (1966). In: _____. *Œuvres*. Édition établie et présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007. pp. 11-19.

traduzir na perspectiva de tornar Deligny compreensível e, nessa perspectiva, deixam de lado conceitos que são extremamente importantes para ele. Então eu abri mão da tradução [espanhola] do Deligny. E aí eu vim a ter clareza de que, na Espanha – este foi o segundo problema que eu tive –, eles trouxeram o “Deligny educador” para a Espanha; eles trouxeram um “educador libertário”, eles quiseram dar uma ênfase nesse sentido. Tanto que todas as traduções que foram feitas na Espanha foram traduções que faziam esse viés em direção ao educador. E aí, quando eu saí das obras em espanhol – de fato, tive que assumir o francês –, foi porque eu vi que eles [a tradução espanhola] também tinham, digamos, dificuldades com o Deligny, porque Deligny é muito preocupado com as não-fixações. Então quando as traduções, em espanhol, o fixam como educador, estão querendo dar uma identidade para ele, fechada. Foi tentando sair disso que eu comecei a ler o que havia também em português. E aqui no Brasil, o pouco que há, muito pouco – conforme a professora Heliana trouxe –, não há quase nada. Agora está começando a sair, com os trabalhos de Marlon, e na expectativa [pela tese] de Noelle também, alguma coisa a mais.

O que havia ou o que há aqui no Brasil vem a partir da leitura de Deleuze e Guattari. É um Deligny que vem dessa perspectiva, porque vocês sabem que o conceito de rizoma sai um pouco das cartografias de Deligny, é inspirado por isso. Deleuze e Guattari falam disso em *Mil Platôs*⁴. Então, aqui no Brasil, as leituras de Deligny também tomaram esse caminho. Tanto que a tradução que saiu agora de *O Aracniano* vem nesse sentido, porque o grupo de São Paulo está estudando Deligny com relação aos conceitos de Deleuze e Guattari.

E aí, trazendo essa discussão, e já partindo para *O Aracniano*... Eu conversava com a Noelle e eu conversei com a tradutora também. Ela é uma tradutora profissional, não é uma leitora ou pesquisadora de Deligny – não é que tenha que ser, mas é que, no caso de Deligny, o risco de traí-lo é muito mais alto do que a traição que já é costumeira com qualquer tradução. [Risco que aumenta] na tentativa de produzir – mais uma vez, acho que é uma coisa que perpassa a tradução profissional –, de tentar produzir segundo a ideia de que ‘isso fica mais compreensível se eu fizer assim’. Traduzir alguns termos de Deligny para o português é muito complicado, porque a gente não tem nenhum correlato, então é muito melhor, no meu modo de ver tradução, manter o termo original em francês e falar sobre esse termo, sobre as variantes desse termo, através das notas.

⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (5 vols.). Trad. Coletiva. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997.

Porque quando a gente traz, a gente engessa, e é um grande problema o engessamento dos termos para o Deligny, porque ele vai usar palavras diferentes e modos diferentes para se referir às mesmas experiências exatamente para manter essa fluidez e não produzir esses enrijecimentos que, pra ele, são um grande problema na escrita. É com esses problemas que eu tenho me deparado.

E como é que eu tenho feito para traduzi-lo? Eu estou lendo os principais livros que foram escritos sobre o Deligny junto com o Deligny. É muito difícil, por sinal, comprar livros de Deligny; alguns não estão disponíveis nem na França, não achamos alguns. Então a gente tem acesso às *Obras* – essa publicação da qual a Noelle falou, que a Sandra fez e tem uma grande quantidade de textos, são quase duas mil páginas de material, dos principais livros que foram publicados [por ele], mas ainda faltam muitas correspondências –, afora essas outras caixas de que a Noelle falou. Com isso a gente tem agora, digamos, uma boa parte desse material com essas publicações que estão em francês.

Deligny foi muito pouco traduzido. Ele foi mais traduzido para o italiano, não é? Ele foi convidado a participar de um evento por um psicanalista italiano chamado Armando Verdiglione – e Deligny não saía da França, não é? Então eles começaram a se corresponder e, no momento desse encontro entre os dois, Deligny estava fazendo alguma leitura de Lacan, por volta do momento em que ele está em La Borde, por aí. E aí é curioso, porque Verdiglione, já interessado nessa leitura de Deligny sobre a psicose, vai sugerir temas para Deligny. Ele diz: fale sobre isso, aí Deligny escreve [risos]. Então eles ficam nessa troca, nesse jogo, o que acaba favorecendo que a obra de Deligny seja mais publicada em italiano. Em espanhol ele já será publicado com outro viés, que é esse viés da educação libertária, que é do interesse de alguns grupos na Espanha.

Então, assim, eu tenho feito essa leitura a partir dos principais textos, como a Noelle citou, alguns em Moreau⁵, e praticamente tudo escrito por Sandra Alvarez de Toledo. Por que Sandra Alvarez? Porque Sandra Alvarez é a editora das *Obras*. Sandra Alvarez está tentando produzir uma apresentação do Deligny desvinculada de outras leituras; então, para mim, é fundamental essa articulação que ela faz, porque ela não quer, ela não está preocupada em articular Deligny a nenhum tipo de conceituação, como teórico. E, para mim, isso é um cuidado. Acho que uma das coisas mais cuidadosas que a gente, nesse espaço de tradução, deve ter, é entender essas variações,

⁵ MOREAU, Pierre-François. *Fernand Deligny et les idéologies de l'enfance*. Paris: Éditions Retz, 1978.

já que, para Deligny, era muito caro evitar essas abstrações. Tanto que ele tem um texto chamado “Esses excessivos” – saiu agora em *O Aracniano* –, em que brinca dizendo que, quando os intelectuais iam conversar com ele e perscrutavam, radiografavam tudo o que ele tinha feito, diziam: ‘você leu isso, você leu aquilo, essa sua teoria está vinculada a isso’. Então Deligny dizia: ‘eu nunca li estas pessoas que você está dizendo, mas deve ser interessante [risos], porque você está dizendo que eu li, não é?’ [risos]. Essas coisas são engraçadas, porque ele também é muito irônico.

E aí, saltando do fim para o começo da fala, sobre alguns cuidados com a leitura de Deligny e algumas coisas engraçadas: Deligny tinha um modo de ler muito curioso, ele usava o que ele queria. Ele não era um estudioso de nenhuma obra – assim, havia algumas pessoas de quem ele fazia uma leitura mais cuidadosa, mas ele usava apenas o que lhe era útil. Ele sondava, pegava algum extrato dos textos e fazia reflexões sobre aquele extrato. Então ele não tinha uma leitura tão precisa de conjunto. Ele vai ler com cuidado algumas obras da etologia, vai ler Leroi-Gourhan, Lévi-Strauss, Clastres, são algumas figuras que ele vai ler. E ele vai ler Wallon com muita frequência. Deligny era um leitor mais intuitivo que analítico, gostava muito de literatura, em especial Cervantes, Conrad, Melville. A biologia interessava mais que a psiquiatria, e os textos de Wallon mais que os de Foucault, Deleuze e Guattari. Ele leu cuidadosamente Leroi-Gourhan, Lévi-Strauss, Clastres, mas também circulou por Heidegger, Marx, Althusser, Lacan, La Boétie, Wittgenstein. No entanto, o irreverente é que ele sonda apenas aquilo que é útil, ele argumenta apenas pelos extratos, sem considerar o conjunto da obra.

Mais engraçado ainda é que, quando ele escreve, dá poucas referências; cita de memória alguma coisa. Então ele não vai ter essa coisa acadêmica, até porque isso é uma questão para ele. E vai brincar com isso, de que os intelectuais lhe causaram muita surpresa quando tentaram articular os trabalhos dele a algo. Há até uma citação que eu trouxe em que Deligny diz assim: “Um dia, um deles – os intelectuais, a quem ele se referia como a uma espécie de casta – mais para comunista, aliás eu me vi, havia detectado algo de Hegel, com certeza, nas minhas invencionices, quando eu, pobre de mim, nunca havia lido nada desse homem. Mas, pouco importa”. Ele termina dizendo que ficava muito surpreso quando alguém estava seguro de que lera alguma coisa nos livros dele que ele não tinha escrito. Então é interessante, e a gente tem que estar atenta no modo de ler Deligny, porque Deligny permite que a gente possa fazer conexões com várias coisas, tanto com a educação, quanto com a psiquiatria, com a psicologia... E é

interessante entender esse modo como ele escreve para que a gente saiba utilizá-lo sem tentar produzir uma identidade.

Um segundo cuidado é um cuidado que Marlon aponta muito bem num texto lindo que ele escreveu, que fala sobre Deleuze, Guattari e Deligny⁶. Ele diz que é importante a gente ler Deleuze e Guattari sabendo que eles são os leitores de Deligny. Deligny não tem uma leitura regular de Deleuze e Guattari, então não dá para estudar Deligny para dizer ‘ah, eles fundamentaram o pensamento de Deligny, isso e aquilo...’, o que acabam dizendo. Mas é interessante entender que Deleuze e Guattari é que liam Deligny. Deligny não tinha muita leitura, ele não tinha muita preocupação com esses textos.

Uma segunda observação que Marlon coloca, de um modo bem sensato, é que a gente pode perceber operações filosóficas no texto do Deligny, mas, ao contrário da filosofia, ele procede da prática para os conceitos e esses conceitos não são rígidos, não são fixos, eles são mutantes. Então a gente não poderia dizer que há uma filosofia, mas, ao contrário, uma tentativa de *antifilosofia*. Então a gente não deveria buscar esses conceitos para utilizar como uma forma de entendimento de alguma coisa. É preciso que isso esteja bem pontuado, para não petrificar o que Deligny faz.

Para não me demorar muito, eu queria só trazer algumas coisas que escrevi, porque acho que são interessantes para compreender o modo como Deligny escreve. E aí eu vou ler, porque senão eu não consigo, eu não tenho essa sequência preparada de...

Bom:

“Eu trago aqui, para vocês, um Deligny escritor, uma vida que se teceu através da escrita. As tentativas engendradas foram costuradas, pelo escrever, no infinitivo, que é uma forma verbal empregada e praticada em Cévennes. *Um escrever para nada*. Um *agir*, que é diferente de *fazer com*. Bom, esse agir surge da ideia do *agir autista*, que é diferente do *fazer do sujeito*, e diz respeito a um modo de ação não intencional, a um agir sem fim, sem finalidade, que não cessa, de seres que não seriam sujeitos, que não estão estruturados pelo simbólico, pela palavra. Para ele, existe ‘o escrever’ e existe o ‘que’. O ‘que’ seria esse conteúdo do livro e é o assunto a respeito do qual foi escrito e o que resta escrever, que é o *aracniano*. [Eu estou usando o ‘aracniano’ que foi o termo que foi traduzido, que já está difundido aqui]. O escrever aracniano se dá a partir de um traçar e um tramar reiterados, renitentes e sem projeto. A aranha e sua teia se tornam uma alegoria para se referir à vida com os autistas – em um momento, porque ele também vai mudando”.

⁶ MIGUEL, Marlon. *Guerrilha e resistência em Cévennes*. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. *Trágica: estudos de filosofia da imanência*, v. 8, n. 1, 1º quadrimestre de 2015. pp.57-71.

Numa passagem de *O Aracniano*, essa comparação se evidencia e eu vou retomar aqui um pouco desordenadamente. Deligny diz: “há redes que se tecem e se tramam, como tantas teias de aranha na bifurcação dos galhos ou nos recantos; ainda que passem os pássaros ou a vassoura da dona de casa. [...] Será possível dizer que a aranha tem um projeto de tecer sua teia? Não creio. Melhor dizer que a teia tem um projeto de ser tecida”⁷.

E aí ele vai tentar desenvolver isso para pensar a rede e outras coisas, mas o que ele quer dizer é que existe um agir antes desse projeto, antes dessa intenção. Dito isso, a escrita é esse agir incessante que faz Deligny redigir textos para cada uma de suas *tentativas*, nome dado aos diferentes momentos de seu trabalho, indicando o caráter frágil, efêmero e circunstancial das experimentações. [Thalita continua a leitura]:

“Longe de possuírem algum estatuto de manual, por vezes, até impedindo a adesão imediata do leitor que quer tentar entender tudo, ele escreve. Já era muito num estilo denso, elíptico, colocando em xeque certa ideologia da infância, bem como as instituições e aqueles que as encarnavam. Se ele escreve constantemente com a preocupação de ser publicado, é para deslocar, para escapar da instrumentalização, para lembrar que a pesquisa encontra o investigador acima ou abaixo da imagem em que ele se fixa, sobre o terreno movente e frágil da experimentação. Buscava uma linguagem sem sujeito, uma língua no infinitivo, livre do seu, do meu, do ele. Uma linguagem do corpo e do agir, ao mesmo tempo concreta, contornada e repetitiva, em que cultivava a opacidade, com receio de ser compreendido, mal compreendido ou capturado. É praticamente uma posição política fazer caso comum com as palavras desacreditadas. Metáforas, perífrases, anagramas, analogias, homofonias, infinitivos, sinônimos, eufemismos, enfim, [ele] usou todos os subterfúgios da língua para inventar a sua escritura refratária. Se há um estilo, é aquele da esquiva e do desvio, no que acaba por fazer uma certa aproximação com a literatura. Não à toa, uma das designações que lhe agradava um pouco era a de poeta, mais do que a de educador, o que ele não queria. Seus textos tocaram vários gêneros literários: a crônica, o ensaio, a novela, o conto, a prosa poética, o roteiro, sendo o romance o único que ele não curtiu. A escritura confirma a sua desconfiança em relação aos discursos, o que se evidencia no privilégio dado às formas breves, tendo no aforismo a sua base”.

As formas curtas, às quais ele dá o nome de *brides*, algo como retalhos, cacos que fazem referência à fragmentação da percepção autista. Mesmo nos ensaios, e aí é uma coisa que a Noelle trouxe, observam-se parágrafos curtos, separados por longos brancos, marcados por acentuações, retornos, elipses, repetições, como o ritmo de um pensamento em voz alta. E, num determinado momento, acho que a partir de 1960,

⁷ DELIGNY, Fernand. *O Aracniano* – e outros textos. Trad. Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 Edições, 2015b, p. 16.

alguns textos vão fazer referências sistemáticas ao dicionário, à etimologia: você vai lendo, e aí ‘essa palavra quer dizer isso’, já na intenção de desviar o curso do texto e produzir outras reflexões.

Também a gente observa muitos pedaços de autobiografia no modo de associação, que é o que acontece em “Diário de um educador”, e nesse texto especificamente a gente tem uma cronologia narrativa quebrada, que fala sobre o asilo, a guerra, o partido comunista, fazendo referência às noções de espaço, de vida, experiência da loucura e da morte.

Esse texto que eu traduzi marca um momento: foi escrito quando Deligny estava em La Borde, e marca esse momento, digamos, da metade do percurso dele, quando ele vai mudar inclusive a forma de escrita. Porque tanto a estadia em La Borde quanto a divulgação do filme *O mínimo gesto* – que sai mais ou menos nesse período – é um marcador; digamos que estamos aí na metade dos 60 anos de trabalho. E nisso também há uma diferença na forma de escritura. A gente tem, nos primeiros 30 anos, narrativas, ensaios e, desse momento em diante, a gente vai ver a construção dos mapas. A *cartografia*, ela vai vir como uma forma de também pensar a escrita, de mobilizar a escrita.

Na sua trama com as palavras, é curioso perceber como Deligny se refere ao vocabulário que ele criou. E aí, numa fala, ele diz assim: “Alguns vocábulos constituem palavras, porém, extirpadas do vocabulário, desenraizadas. Palavras que arrumamos para escorar. Palavras postas, no vento. O vento, no caso, é a linguagem que nos advém, catastrófica, de onde quer que sopra, o que quer que diga, seguem”⁸.

Esse trecho ilustra um tipo de jogo com as palavras, na tentativa de uma língua que não dê ordens, que não fale por ninguém, mas que tem um lugar, um território que permite a deriva, a margem e o refratário. Mas sem deixar de perceber que essas palavras, eventualmente, se modificam, e este é um ponto interessante para ele.

Quando ele fala – eu traduzi para facilitar a compreensão também, porque a minha fala em francês é muito ruim –, quando fala de desvio, deriva, estabelecido, armar, fazer e dissimular, ele sabe que estas palavras estão carregados de sentido e que há sempre o risco de ficarem travadas quando se começa a querer dizer e a saber o que querem dizer. Nesse instante, ele diz que “é preciso pô-las para escorrer, antes que

⁸ DELIGNY, 2015b, p. 131-2.

sejam tomadas pela rigidez...” [trecho inaudível]; quando ele percebe que vai ser capturado, ele vai mudando.

E aí, acho que para fechar, quando me deparo com essas táticas de Deligny eu me lembro de uns trechos de *Crítica e Clínica* e de *Conversações*, quando Deleuze fala sobre a gagueira criativa, que seria uma espécie de operação poética para levar a língua ao delírio, arrastada para fora dos seus sulcos costumeiros. Nesse texto, Deleuze fala de Godard e Proust, mas eu vejo isso perfeitamente numa espécie de língua delignyana, principalmente no segundo momento da sua obra, em que a escrita se configura como um traçar, um cartografar. Eu gosto muito desse conceito para pensar a linguagem do Deligny.

Bom, ‘o tempo’, não é?!... Senão a gente não consegue discutir. Eu termino aqui e a gente se encontra no debate, tá, gente?

[Aplausos].